

ASSOUN, Paul-Laurent. A Escola de Frankfurt. Trad. Helena Cardoso. São Paulo: Ática, 1991.

Franklin Ferreira Silva ¹

O autor deste livro é Paul-Laurent Assoun, membro, do Colégio Internacional de Filosofia em Paris e professor da Universidade de Picardie, em Amiens.

Seu livro “A Escola de Frankfurt” é a primeira vista uma obra introdutória para quem deseja se aventurar pelo campo teórico da Escola, mas não é bem assim. É preciso um conhecimento da filosofia de alguns filósofos, especialmente Kant, Hegel, Marx e Freud. O livro mostra os principais pontos, sociológico, filosófico, histórico desenvolvidos, resgatando o pensamento dos filósofos fundadores, extensores e herdeiros da Escola. Aconselho ter por perto um dicionário de alemão, devido o grande número de termos nesta língua.

O livro é dividido em uma introdução e em três partes que são como capítulos.

1. Introdução

O livro conta com uma introdução um tanto detalhada que inicia com a questão “O que é a Escola de Frankfurt?”. Ao responder essa questão, o autor coloca que geralmente tende-se a reduzir a Escola em um fato histórico ou mesmo condicioná-la a posição de um objeto ou a uma área particular do conhecimento. Em face disso o autor salienta que questionar o que é a Escola é colocar em cheque até mesmo as designações comumente associadas a ela. Assim podemos pressentir “o sentido do projeto através da profunda originalidade do discurso”, pois a “o que a define é uma linguagem e uma apreensão que não são imediatamente classificáveis dentro das categorias conhecidas”.

A partir deste esclarecimento, a introdução passa a ser pontuada com marcadores que tentam definir o que é a Escola retratando sua história, seus pensadores e principais conceitos.

No primeiro marcador retrata sobre a criação da Escola, retratando como se deu a formação do Instituto de Pesquisa Social, as pessoas envolvidas com a criação e direção do Instituto, a formação das dependências do Instituto em outros países, a diáspora e a volta dos pensadores da Escola a Frankfurt. Após isso, o autor realiza uma aproximação entre o Instituto e a Escola colocando-as como ligadas, mas independentes entre si. Aqui está a primeira definição encontrada: a de que sem o Instituto não haveria a Escola. Outro destaque do autor é a mistura de gêneros realizada nos primeiros anos do Instituto.

No segundo marcador a Escola de Frankfurt é definida como uma escola de “filosofia social”. Essa definição se torna evidente a partir da reorganização realizada por

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Filosofia da UFPI; Bolsista do grupo PET-Filosofia/UFPI.

Max Horkheimer após sua subida à direção do Instituto em 1931. Por filosofia social, Horkheimer designa como um problema fundamental, tratando-se “(...) de uma aproximação nos confins da reflexão especulativa e da observação sociológica, modulada por uma reflexão ética (...), misturando sociologia, reflexão sobre a civilização e a história (...) alimentada por correntes tão diversas”.

No terceiro marcador, a Escola passa a ser caracterizada por uma “Teoria Crítica” que seria uma espécie de entidade teórica ou substância teórica. O autor comenta que essa teoria crítica, introduzida por Horkheimer, seria uma oposição à teoria tradicional. Assim o autor enumera diversas questões que precisam ser respondidas, tendo como principal a meu ver, a questão de “como é concebível e realizável uma Teoria Crítica?”

No quarto e último marcador sobre as definições da Escola de Frankfurt, o autor enfatiza como último critério, os integrantes. Nesse sentido é possível defini-los como sendo aqueles que possuem como plataforma teórica a Teoria Crítica e seus complementos; uma identidade histórica com o Instituto e suas deslocções; e um projeto histórico-político tendo como cenário o século XX. Partindo disso, o autor passa a apresentar aqueles que devemos atribuir como sendo da Escola de Frankfurt, apresentando uma biografia resumida de cada.

Classificados em ordem de importância para a formação da Escola, o autor apresenta como fundador Max Horkheimer e co-fundador Theodor W. Adorno. Depois deles, vêm aqueles que participaram como extensores teóricos dos princípios da Escola, mais ou menos ligados a ela, como Herbert Marcuse, Walter Benjamin e Erich Fromm. O autor enfatiza que esses três últimos estão ligados a Escola pela adesão ao cerne teórico, tendo seus projetos históricos diferenciados dela. Além deles, o autor dá destaque ainda para os herdeiros da Teoria Crítica, que ainda se referem à Teoria Crítica nas problemáticas do presente, como Jürgen Habermas.

Retratados os principais nomes da Escola, o autor realiza uma retomada do que foi visto durante a introdução, dando ênfase aos pontos que serão abordados no decorrer do livro, como: o foco nos fundadores e herdeiros, na identidade problemática da Teoria Crítica, na realidade dinâmica da Escola e, na validade da aposta crítica proposta pela Escola. Assim, a primeira parte do livro tratará da abordagem filosófica, a segunda da abordagem sociopolítica e a terceira uma abordagem histórica.

2. Primeira Parte

Após a introdução, o livro é dividido em três grandes partes. A primeira parte é chamada de “Crítica da razão identitária: a filosofia da Escola de Frankfurt”. Esta primeira parte é dividida em dois itens. O primeiro item é chamado de “Crítica do paralogismo da Identidade” que é dividido em quatro subitens.

O primeiro subitem é “A crítica da razão hegeliana”. Este subitem se mostra um tanto complexo, fazendo-se necessário um conhecimento sobre o pensamento de Hegel. Mesmo assim, o autor comenta sobre a concepção de identidade em Hegel é a de que é “a identidade do espírito absoluto e do ser, do real e do racional que garante a metafísica como saber”. O ato de negar tal identidade acabaria também com a ordem verdadeira do mundo, reduzindo o “conhecimento a uma simples manifestação, condicionada por múltiplos aspectos, da vida de homens determinados.

E é essa negação que produz a Teoria Crítica, pois se acredita que a Identidade do “pensar” e do ser seja apenas um dogma filosófico, que precisa de fundamentação de seu singular, já que só conhecemos as unidades da natureza nos domínios mais diversos e completamente diferentes.

O segundo subitem é “As estratégias de crítica da Identidade”. O autor mostra dois extremos da abordados pelos pensadores da Escola sobre a questão da Identidade. O

interesse de Marcuse é muito mais de acentuar o papel da negatividade da dialética hegeliana do que problematizar a Identidade. Já Adorno mostra-se mais radical em seu pensamento da não-Identidade.

No terceiro subitem, “Os modos errôneos de resolução do paralogismo da Identidade: crítica do irracionalismo” tenta mostrar as tentativas, anteriores a Teoria Crítica, de contestação da filosofia da Identidade. Um dos primeiros foi Kierkegaard, evidenciado por Adorno em uma tese de doutorado. A Teoria Crítica mostra-se como uma forma de racionalismo.

No quarto subitem, “Crítica do positivismo”, o positivismo, o pragmatismo e o tomismo modernos são tomados como panacéias contraditórias, pois a razão em é vista como um instrumento.

O segundo item da primeira parte chama-se “A Teoria Crítica: sujeito da crise da Identidade”. Ela é dividida em três subitens. No primeiro subitem é “A réplica da “Teoria Crítica””, o autor começa definindo o que seria uma “teoria” colocando-a como “um conjunto de proposições que dizem respeito a um determinado domínio de conhecimento” deduzidas logicamente e coincidindo “com acontecimentos, dados de fato”. No caso de uma Teoria Crítica, esses dados de fato apanhados estão fora do campo da reflexão. É necessária uma “atitude crítica”, orientada “pela ideia duma organização social conforme à razão e aos interesses da coletividade” alcançando sua legitimidade. Horkheimer ao defini-la, afirma que ela só possui como requisito específico “o interesse das massas na supressão da injustiça”.

No segundo subitem chamado de “A decisão crítica e seus efeitos filosóficos” o autor expõe quatro termos-chaves do espaço crítico: razão, negatividade, mediação e materialismo. Além deles, coloca ainda a alteridade como necessária na conquista do Logos na história.

No terceiro subitem, “A mutação da “Teoria Crítica””, o autor comenta que com Habermas, a Teoria Crítica passou por um reajustamento a partir das problemáticas metodológicas e epistemológicas, reorganizando a correlação da teoria com a práxis sociopolítica, tornando possível uma cientificidade da crítica.

3. Segunda Parte

A segunda parte do livro chamada de “Crítica da opressão: a sociopolítica da Escola de Frankfurt”. Esta parte é dividida em três itens. O primeiro item chama-se “A sociologia crítica” e é dividido em cinco subitens.

No primeiro subitem, “A “Sozialforschung” como metodologia crítica” o autor coloca que no início do Instituto, o foco principal era a questão econômica, mas que, com o decorrer dos anos o foco alterou-se para uma Sozialforschung, estudo da textura econômica das entidades sociais. Isso se deve principalmente a influência dos grandes empreendimentos sociológicos surgidos nos anos 1920 de Durkheimer, Weber e Marx.

A partir de tais influências e dos desejos da Escola, tenta-se ultrapassar o dualismo entre filosofia social e sociologia. Assim, a filosofia é vista como teoria orientada para o universal, capaz de dar impulsos vivificantes às investigações particulares, enquanto que a sociologia atua nas formas concretas de socialização.

A intensão primeira do Instituto era de estudar a mentalidade social dos operários qualificados e os empregados na Alemanha. A partir desta proposta de trabalho, fez-se necessário o aperfeiçoamento de uma metodologia, o que proporcionou a formação de um corpo experimental a Teoria Crítica capaz de permiti-la interferir na realidade social.

No segundo subitem chamado “O objeto sociocrítico: a autoridade”, o autor enfatiza a noção de autoridade como por forças das mais vazias, não sendo homogêneo, mutáveis ao logo da história e significativo para entender o processo de socialização já que

a sua interferência pode alterar a forma como os indivíduos interagem com a totalidade social. Para analisar tal situação, é preciso uma investigação totalizante a começar pela instituição-chave, a família. Toda essa investigação sobre a autoridade, dá-se no período em que o Instituto inicia seu período de diáspora.

No terceiro subitem chamado “Do anti-semitismo à personalidade autoritária” o autor chama a atenção para o desvio de metodologia ocorridos após o estabelecimento da Escola nos Estados Unidos, levando a Teoria Crítica a servir apenas de inspiração e não mais de metodologia dominante. Os trabalhos desenvolvidos lá passaram a aproximar-se da ideologia anti-semitista o que levou posteriormente a uma formação de um campo ideológico que mais vasto.

No quarto subitem chamado “O estatuto crítico da empiria: a polêmica dos métodos” retrata-se a volta da Escola à Frankfurt e a relação da Teoria Crítica com a investigação empírica. A polêmica em torno relação é ampliada por Adorno. Isso se deve mais pelo fato de muitos considerar teoria e empiria como sendo incompatíveis.

No quinto subitem, “A comunicação, operador sociocrítico”, destaca-se a tentativa de Habermas em produzir uma sociologia crítica visto que para ele, é esta que realizar o projeto crítico da Teoria Crítica. Tal ambição dar-se-ia através de um Tratado sociológico, descrevendo os campos dos fenômenos sociológicos e refletindo sobre os mesmos.

O segundo item desta parte é “Marxismo e Teoria Crítica”. Ele é dividido em seis subitens. No primeiro subitem, “Um neomarxismo crítico” mostra que o marxismo é colocado como no primeiro plano da prática histórica pela Escola de Frankfurt. Isso se deve pela própria ligação histórica entre o marxismo e o Instituto de Pesquisa Social. Originalmente o Instituto seria chamado de Instituto para o Marxismo, mas a mudança “para a investigação social” seria uma razão para tranquilizar pelo seu caráter subversivo. Assim a característica do Instituto “é que ele se reclamava do marxismo concebido como metodologia científica que permitia um renovamento decisivo dos problemas sociais”.

O segundo subitem é “O marxismo, operador da Teoria Crítica” é evidenciado as como a Teoria Crítica foi criada ligando-se ao marxismo. Assim, resgata-se o aparato teórico constituído por Horkheimer, que levaria a construção da Teoria Crítica, mostrando as influencias hegeliana, marxista, kantiana e schopenhaueriana.

O terceiro subitem chama-se “O “marxismo atonal””. Nele mostra a ideia de Adorno quanto a um marxismo “do todo não verdadeiro”, resgatando a ideia de materialismo que estrutura uma concepção marxista da realidade. A atonalidade já seria uma suspeita radical dirigida ao dado material, pela razão.

O quarto subitem é “O marxismo e a doença da civilização”. Mostra a relação entre Marcuse e o marxismo, compreendido como trazendo a ilustração concreta da interrogação heideggeriana relativa a autenticidade do Dasein.

O quinto subitem é “Marxismo e crítica da dominação”, evidenciando o papel que deveria se tornar o marxismo para a Escola em face da Teoria Crítica não poder ser colocada como uma doutrina. Ela é na verdade reflexo do movimento histórico em vista dos interesses do proletariado. Assim o marxismo acabou sendo usado como um operador para “ampliar à análise do conjunto das mutações sociopolíticas”.

O sexto subitem chama-se “O “marxismo reconstruído””. Nele Habermas coloca que “o marxismo deve demonstrar de novo sua força pela análise concreta” através de uma reconstrução do materialismo histórico, reativação do componente idealista e regresso ao terreno da ciência. Isso ocorre por que para ele, o marxismo perdeu seu caráter de eminência crítica.

O terceiro e último item desta parte é “Psicanálise e Teoria Crítica”. Ela é dividida em quatro subitens. O primeiro chama-se “A psicanálise a serviço da psicologia social” e

retrata o uso da psicanálise para explorar o lado inconsciente do processo social dando destaque para Erich Fromm.

O segundo subitem é “Freud, aliado da Teoria Crítica” mostra que o uso da psicanálise de na primeira fase da Escola por Fromm, acabou por motivar Adorno e Horkheimer a realizarem uma aproximação com a Teoria Crítica. Isso a partir da evolução da Teoria Crítica em direção a uma filosofia da subjetividade.

O terceiro subitem chamado de “Eros, psicanálise e civilização” refere-se a manifestação de Marcuse em sua obra “Eros e civilização” sendo um forma de reagir contra o revisionismo neofreudiano, mostrando que o pensamento de Freud ainda era parte atuante de um pensamento social.

No quarto subitem, “Psicanálise e hermenêutica”, o autor comenta que Habermas aborda a psicanálise sob o ângulo epistemológico tentando situar o tipo de ciência que ela é. Habermas considera que ela necessita de uma auto-reflexão, pois esta mostra-se como uma contestação da incompreensão científica.

4. Terceira Parte

A terceira parte do livro tem como título “Crítica da razão histórica: a filosofia da história da Escola de Frankfurt”. Ela é dividida em dois itens. O primeiro item chama-se “A filosofia crítica da história: razão e autoridade”, sendo dividido em sete subitens.

O primeiro subitem é “A Razão Instrumental”. Nele Horkheimer e Adorno tentam compreender por que a humanidade caía numa nova barbárie através da autodestruição da Razão. Nesta tentativa de compreensão, surge aí uma nova Filosofia da História que esboça uma desmontagem da mitologia da modernidade burguesa.

O segundo subitem chama-se “Uma nova antropologia histórica” e coloca que é essencial é necessário regressar aos próprios fundamentos antropológicos e ir não esquecer a dimensão ética.

No terceiro subitem, “Uma contrafilosofia da história: a mimesis”, o autor coloca que é necessário fazer um apelo à lúdica infantil contra o sério da razão adulta em face contra o testemunho da ideal instrumental da Razão.

No quarto subitem, “Uma nova arte de moralista”, o autor enfatiza a revalorização a referência à subjetividade e à finitude. Um regresso a certas formas de expressão subjetiva como forma de um novo operador, assegurando a continuidade ética do mimetismo precedente.

O quinto subitem chama-se “A crítica do unidimensional: a raiva do desespero” e destaca a desilusão de Marcuse quanto aos impasses relativos a transformação social.

O sexto subitem é “O testamento da Teoria Crítica”. Nele esboça-se o balanço realizado por Horkheimer sobre a Teoria Crítica, mostrando-se um tanto desiludido com com a não transformação realizada. Mesmo assim, coloca ainda a existência de um “princípio esperança” referente a cultura, arte e a religião como defesas contra o destino da Razão.

O sétimo subitem é “Para além da filosofia da história”. Nele Habermas enfatiza sua Teoria do agir comunicacional, sendo uma forma de “produzir uma avaliação crítica das formas de vida e das épocas concretas na sua totalidade, sem projetar normas emprestadas” da filosofia da história.

O segundo item desta parte chama-se “Da estética crítica à crítica da cultura” e é dividido em três subitens. No primeiro subitem, “A musicologia crítica”, Adorno esboça sua crítica a forma como a música se mostra, tendo o artista, que é o criador do “gosto”, destituído pelas potências superiores e a música enaltecida pelo realismo socialista.

No segundo subitem, “A arte e a reprodução social” Walter Benjamin coloca que a partir do século XX as técnicas de reprodução provocaram a “decadência da aura” que era

buscada em tempos anteriores. Essa decadência da aura provocada pela cultura de massas “tende a depreciar o caráter daquilo que não é dado senão uma vez”. Ou seja, o que antes era tido como uma realidade longínqua, agora é visto como dado em série, reproduzível.

No terceiro subitem “A “imaginação dialética” e a política alegórica”, Walter Benjamin tenta forjar uma metodologia de crítica estética produzindo uma alternativa entre a redução social e a do momento estético.

5. Comentário sobre o livro

Apesar de ser pouco volumoso, o livro possui uma linguagem bem densa em certos trechos, o que requer um conhecimento anterior sobre a filosofia de alguns filósofos, principalmente Kant, Hegel, Marx e Freud. Além disso, para lê-lo é preciso ter por perto um dicionário de alemão, pois é comum o uso de diversas expressões em alemão, não traduzidas. Para aqueles que pensam encontrar o pensamento dos filósofos de forma separada, deixa-se a desejar. O livro vai perpassando a os principais pontos da Escola de Frankfurt, respectivamente, filosofia, sociologia e filosofia da história, resgatando o que os filósofos colocaram a respeito de alguns aspectos.

É recomendável sua leitura para aqueles que desejam aventurar-se mais profundamente pelo campo teórico da Escola de Frankfurt como um todo, observada as observações acima. No mais é um bom livro.

Texto recebido em: 9/7/2013

Aceito para publicação em: 4/1/2013